

**30171****EXPOSIÇÃO GESTACIONAL AO CRACK: PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS USUÁRIAS QUE CONSULTAM O SERVIÇO DE TERATÓGENOS E RELATOS DE CASOS**

Mauricio Fontoura Ferrao, Giovanna Sorgato Tessmann, Luciana Dutra Martinelli, Priscilla Granja Machado, Betina Piccoli Franciosi, Karina Carvalho Donis, Alberto Mantovani Abeche, Maria Teresa Vieira Sanseverino, Lavinia Schuler Faccini, Fernanda Sales Luiz Vianna

**Unidade/Serviço:** Serviço de Genética Médica

**Objetivos:** O crack é um subproduto da preparação da cocaína. Nos últimos anos, houve um aumento no seu consumo devido ao menor preço, à facilidade de uso, e à maior potência de efeito. Acumulam-se relatos de que o uso de cocaína durante a gravidez está associado a baixo peso ao nascer, abortos espontâneos, descolamento prematuro de placenta e déficit cognitivo. Entretanto, ainda não há consenso sobre o aumento do risco de malformações congênitas. Não há na literatura estudos consistentes sobre os desfechos adversos do uso de crack durante a gravidez. Assim, nossos objetivos foram relatar dois casos recentes de recém-nascidos expostos ao crack intra-útero e realizar um levantamento das consultas sobre o uso de crack na gestação realizadas ao Sistema Nacional de Informações sobre Agentes Teratogênicos (SIAT). **Métodos:** revisão de casuística das consultas realizadas ao SIAT. O SIAT é um projeto de extensão registrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) fundado em 1990 e situado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) que atende a população em geral e presta assistência gratuita sobre riscos durante a gravidez e lactação. **Resultados:** O primeiro caso é uma recém-nascida, exposta durante toda a gestação ao crack. A mãe tem 34 anos, tabagista, analfabeta, solteira; o pai é desconhecido. Ao nascimento, pesava 3,245 Kg, comprimento 50 cm, perímetro cefálico 35 cm, APGAR 7/8. Ao exame físico foi constatada micrognatia. Apresentou episódios de queda da saturação O<sub>2</sub>, e aos 28 dias, foi submetida à cirurgia para correção da micrognatia. O segundo caso é uma menina que ao nascimento pesou 2,210 Kg, APGAR 7/9, e apresentava redução de membros e múltiplas fraturas. A mãe tem 28 anos, é casada e utilizou crack até 4 dias antes do parto. A paciente tem diagnóstico de osteogênese imperfeita tipo III; foi detectada também uma comunicação interatrial, sem repercussões hemodinâmicas. A paciente recebeu alta hospitalar com um mês de vida. Com relação ao histórico de exposições ao Crack no SIAT, foram localizadas 43 consultas desde 2000, sendo 20 com exposição gestacional confirmada. Essas gestantes que utilizaram crack constituíam uma população com mediana de 22,5 anos e de baixa escolaridade. A maioria das exposições ocorreu durante toda a gestação e houve associação com outras drogas recreativas (álcool, tabaco e maconha). Foram identificados dois casos de dismorfias faciais e dois com atraso no desenvolvimento pós-natal. Os seguimentos dos casos ainda estão em andamento. **Conclusões:** Os casos apresentados não mostram nenhum padrão malformativo resultante da exposição. O diagnóstico de osteogênese imperfeita tipo III é coincidente, enquanto a micrognatia merece ser melhor investigada quanto às causas. Entretanto, o levantamento realizado mostra que perfil das usuárias tem um padrão que está de acordo com outros trabalhos: alto índice de uso de drogas recreativas por jovens de baixa renda, mostrando que essa população tem um risco aumentado para defeitos congênitos e pobre cuidado pré-natal. O acompanhamento prospectivo de gestantes usuárias de crack pode elucidar os desfechos dessa exposição e contribuir para medidas de prevenção dos desfechos já conhecidos principalmente nessa população.